

Texto escrito para a Oficina “Savoir-faire com a cadeia borromeana na clínica psicanalista.”

Liane Trece

Como opera uma análise?

Gostaria, para iniciar, trazer algumas questões que a colega Clara C., psicanalista argentina, trouxe, da última vez esteve em Salvador a convite do Espaço Moebius, relacionadas à clínica psicanalítica e a escritura da topologia borromeana, que muito me ajudaram a elaborar esse escrito.

De forma resumida, as apresento aqui, a vocês, leitores interessados na clínica psicanalítica, a partir das reflexões advindas da ética e estética da Psicanálise, considerando que as formulações lógicas, topológicas e nodais propostas por Lacan nos desafiam a reconstruir a estética que convém a nossa própria experiência clínica. Assim, os convido a tomarem a inclusão da topologia da cadeia borromeana, no ensino e na prática clínica de Lacan, como um fato que resultou em um instrumento clínico eficaz.

Uma das principais questões apresentada pela convidada, e que me chamou a atenção, foi se a cadeia borromeana era **a estrutura do Sujeito** ou se era a **mostração da direção da cura, em ato**?

Ou seja, se a escritura nodal escreve, no ato, o que se trata na prática psicanalítica, sendo a escritura nodal a mostração da clínica ou se a cadeia borromeana é a mostração da estrutura do Sujeito, sendo o Sujeito a causa do enodamento. Sujeito do inconsciente, aqui, correspondendo ao objeto a.

Com essas questões colocadas na mesa, decidi reler o Seminário RSI, de Lacan. Confesso que, quando li pela primeira vez esse seminário, fiquei, posso aqui dizer, enamorada, não só pelo que ele se propunha, exposto por Lacan logo nas suas primeiras páginas, mas principalmente por tê-lo considerado muito clínico. De lá para cá não parei mais de estudá-lo.

Uma questão que sempre retorna nessas leituras é: qual a importância da escrita nodal para uma análise?

Na aula de 14 de janeiro de 1975, Lacan convoca os analistas a pensarem a psicanálise a partir da cadeia borromena (nessa época ele ainda a chamava de nó). Ele afirmava que a escrita nodal lhe servia para tentar da conta da seguinte questão: o que implica que a psicanálise opere?

Nesse trilhamento borromeano, uniu, pela primeira vez, o Real, o Simbólico e o Imaginário, de forma mais acertada (palavras de Lacan na aula do dia 17), ou seja, borromeamente. Os 3 sempre presentes, se um se solta, os outros também se soltam, não importa qual.

Qual a importância clínica desse fato?

Respondo dizendo que essa forma de unir as três consistências nos permite concluir que não é rigoroso pensar em cada consistência separada, sem levar em consideração a “ex-sistência” das outras, sempre juntas e enlaçadas. Fato que implica em pensarmos em uma nova ética e estética para a psicanálise.

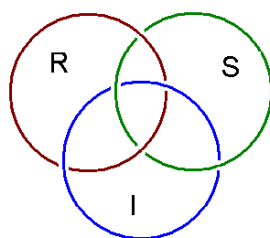
Com essa questão e com as outras que fui levantando ao longo desses últimos anos, as vésperas de iniciar a oficina “Savoir-faire com a cadeia borromeana na clínica psicanalista”, esse escrito é uma tentativa aproximada de responde-las.

Para tanto, procurarei estabelecer um diálogo com o ensino de Lacan, tentando entender o por que dele, a partir dos anos 70, ter insistido na importância da cadeia borromeana como sendo uma ferramenta fundamental para compreender como a psicanálise funcionava.

Em um dos seus últimos seminários, perguntava à sua atenta plateia de psicanalistas por que foi que ele fez intervir na clínica, em tempo antigo, o nó borromeo. Ele mesmo responde que foi para traduzir a fórmula “eu te peço – o quê? Que recuses – o quê? O que te ofereço – por quê? Porque não é isso – isso vocês sabem o que é, é o objeto a... objeto que viria a satisfazer o gozo”

Assim, se referindo ao seminário 19, esclarece o porquê ter começado a se interessar pela cadeia borromeana, pois, ao meu ver, diferente do trabalho que vinha realizando com a topologia dos significantes, com as figuras de superfície e depois com a lógica, esse instrumento da matemática lhe possibilitou juntar o Real, o Simbólico e o Imaginário, as 3 dimensões que, enlaçadas, como vimos, formam a estrutura.

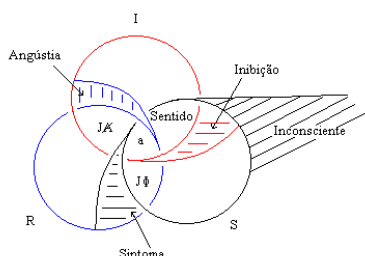
No seu seminário traduzido como “O não sabido que sabe do um-ívoco é o amor”, o 24, vai esclarecer que a estrutura, tal como ele a concebia, era o nó borromeano, guardem essa afirmação: a estrutura é o nó, o seu nó que não é nó é cadeia, uma cadeia formada por 3 nós.



Essa foi, ao meu ver, uma das principais características da cadeia Borromeana que serviu a Lacan. E por quê? Porque nunca antes ele tinha conseguido fazer a mostraçao das 3 dimensões operando ao mesmo tempo e espaço. E disso ele soube tirar consequências clínicas.

Imaginem uma figura que, diferente das outras, quando aplainada, adquire o estatuto de escritura, na qual identificamos facilmente quatro propriedades pertinentes à topologia e úteis para pensarmos a nossa prática:

- 1.a do número de buracos, cada buraco correspondendo a diferentes campos;
- 2.a do número de cruzamentos e áreas que estão implicadas em cada um;
- 3.a da proximidade, e por fim,
- 4.a da vizinhança.



Três consistências que, por estarem enlaçadas, inauguram 7 campos: 4 de gozos dos quais sofreremos seus efeitos, são eles: Gozo fálico, Gozo do A barrado, Gozo sentido e mais um, inscrito no coração da cadeia, o campo do mais de gozar ou também nomeado de gozar a vida.

Podemos até dizer clinicamente que tem uns analisantes que revelam, no seu discurso, que gozam a vida falicamente, outros gozam a vida com o corpo e outros com o sentido, mas todos gozam com o objeto mais de gozar, mesmo que em pequenas doses.

Além desses campos definidos pelos buracos nas intersecções das consistências, temos o campo do Real, onde está inscrito a vida (lavida) e a morte, o buraco do Simbólico, onde está inscrito o

recalque primário e a cultura, e o campo do Imaginário, onde se localiza o corpo, as paixões do ser...

A terceira e a quarta propriedade topológica, a da proximidade e a da vizinhança dos diferentes buracos, também são contempladas no uso psicanalítico da cadeia borromeana aplainada, inaugurando assim, os diferentes campos de ex-sistencia do Sujeito.

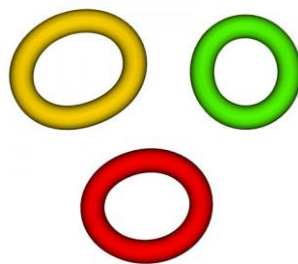
São eles:

- O campo da ex-sistência do Imaginário onde estão implicados o campo gozo do A, do pré-consciente (percepção e sexto-sentido), o Gozo sentido, o corpo e quando há invasão do Imaginário no campo do Simbólico, temos a inibição.
- O campo da ex-sistência do Simbólico no qual temos o inconsciente, o Gozo fálico, o falo, o Gozo sentido, o recalque original, e se o Simbólico invade o campo do Real, temos o sintoma.
- E o campo de ex-sistencia do Real. Este é composto pela vida e morte (buraco do Real), pelo Gozo A, pelo Gozo fálico, pelo falo, e se o Real invade o campo do Imaginário, temos a angústia.

Penando clinicamente, para quê e como essa localização dos diferentes buracos e intersecções, com suas zonas de vizinhanças, nos servem?

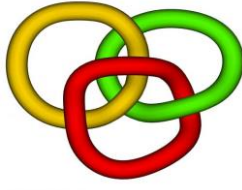
Sabemos que, o que foi dito por Lacan no seminário 21 em relação à cadeia borromeana e a clínica, logo a partir da conferência “A Terceira” e no Seminário 22 (que são contemporâneos), não mais se sustenta, como por exemplo:

- a mostraçao de uma cadeia borromeana para os psicóticos, formada pelas três consistências desenodadas.



www.matematita.it

- uma cadeia borromeana sugerida para Schreber, onde o Real e o Imaginário se enodam olímpicamente e o Simbólico fica desenlaçado;



www.motomati.com.br

- ou uma cadeia formada pelas 3 consistências indiferenciadas, como se fosse um gel de consistências, para os autistas;
- ou uma escritura para o nó do amor: uma cadeia na qual o Simbólico e o Real estão em continuidade e o Imaginário entrelaçado a eles.

Além dessas cadeias, no seminário 23, Lacan vai sugerir duas escrituras para a estrutura de Joyce:

- uma onde o Imaginário está desenlaçado das outras duas dimensões e é necessário “algo” que faça o ajuntamento das três consistências... que faça uma prega;
- e uma outra onde as três consistências estão desenlaçadas e uma quarta, que Lacan nomeia como Sinthoma, as enoda borromeamente.

Nessa trilha, seguindo o pensamento de Lacan dessa época, Marc Melman também sugere para a fobia uma escritura nodal: lendo a cadeia da direita para a esquerda, ou seja, em vez de Real, Simbólico, Imaginário, ler-se Imaginário, Simbólico e Real, na qual o Real se desdobraria.

Por que na minha leitura, essas escritas nodais não respondem à clínica nossa de cada dia?

A partir da leitura do seminário 23, com a retomada da cadeia borromeana uniana (termo muito usado pelo psicanalista Aurélio Souza para se referir à cadeia borromeana) já trabalhada no seminário 22, onde Lacan reafirma que a estrutura é a cadeia borromeana formada pelo Real, pelo Simbólico e pelo Imaginário, proponho trabalharmos com a operação topológica chamada de **homotopia**.

Homotopia consiste em uma operação que acontece quando se dá uma transformação topológica em uma das consistências sem ser necessário corte e costura.

Na passagem da cadeia de 3 consistências para a cadeia formada pelas 4 – Real, Simbólico, Imaginário e sinthoma-, e depois o retorno para a cadeia formada pelas 3 consistências, na qual o sinthoma é elevado à categoria de função, como nas matemáticas, a questão colocada desde o início, se era possível dispensar o Nome do Pai na condição de saber dele se servir, para mim, é respondida.

Quero dizer com essa afirmação é que os Nomes do Pai enquanto função faz buraco ao mesmo tempo que ao fazê-lo permite que o Real, o Simbólico e o Imaginário se enlacem borromeamente. Mas aqui tem um porém: como nem tudo é perfeito, os Nomes do Pai falham, impossibilitando um enlaçamento borromeano das 3 consistências, aquele que quando saltamos um dos nós, não importa qual, os outros dois se soltam. Essa, sem lapsos no enodamento,



seria uma cadeia borromeana idealizada.

Nessa, tudo funcionaria de forma equilibrada, sem sintomas porque o Simbólico não invadiria o Real, sem inibição porque Imaginário não invadiria o Simbólico, e sem angústia porque o Real não invadiria o Imaginário. Não teríamos prevalência e/ou dominância de um gozo em relação aos outros e todos gozariam da vida sem culpa nem remoço, pois essas coisas não existiriam.

Mas sabemos que para o fala-ser esse mundo perfeito não existe, assim, quando os lapsos ocorrem no ato primeiro do enodamento das 3 consistências, quando nos cruzamentos o que tinha que passar por cima passa por baixo, um campo de ex-sistência, com todas as suas zonas implicadas, avança sobre o outro, causando inibições, sintomas e/ou angústia.

Na minha clínica escuto que as questões que afetam os Sujeitos e os fazem procurar uma análise, são determinadas porque afetam o Sujeito.

Dito de outra maneira, partindo da minha experiência, o que faz alguém demandar uma análise é o sofrimento, é essa sensação de mal-estar, de insatisfação e tristeza profunda. Sofrimento gerado pela invasão dos diferentes campos da ex-sistência do Sujeito sobre os outros, determinando a posição de gozo que o Sujeito vai ocupar em relação ao seu objeto.

Vejam que aqui trata-se de uma economia de gozos que regula a posição do Sujeito e não mais uma economia pautada na lógica fálica. Essa mudança de foco, que coloca o Real no centro da experiência analítica, com tudo que isso implica, tem toda uma importância na “direção do tratamento”, como chamou Freud.

E por que afirmo isso? Porque, trabalhando a partir dessa outra lógica – a dos gozos – vamos, enquanto analistas, nos damos conta de que, quando o analisante fala, não importa o que diga, é sempre afetado pelas modalidades de gozo. Uma modalidade determinada pela função do falo, que vem dar significação ao que ele diz, outra que se manifesta na relação com lalingua, que é a do gozo experimentado no corpo, e ainda uma outra que é a do sentido, presente por trás daquilo que é dito.

O mal-estar acontece quando uma dessas modalidades tem predomínio em relação às outras, causando um desarranjo na estrutura.

Vejamos:

Na intersecção do Real e do Imaginário temos o gozo Outro também chamado Gozo do Corpo. Como o aplainamento da cadeia nos mostra, é uma modalidade de gozo “fora linguagem”. Razão pela qual, quando os efeitos do gozo do Outro dominam, muitos dos meus analisantes se referem a um momento no qual as palavras desaparecem.

É por esse viés que compreendo porque na passagem ao ato, o Sujeito experimenta o gozo do Corpo na sua intensidade máxima, pois trata-se nesses casos de um gozo fora linguagem e fora sentido, no qual, ao experimentá-lo, verificamos a impossibilidade do Sujeito de barrar, de conter seus efeitos, pois lhe faltam ferramentas simbólicas e imaginárias devido a predominância do Real sobre o Imaginário, alargando assim, esse campo de gozo em relação aos outros. Nada nesses casos é possível conter essa invasão, a não ser um trabalho Simbólico e Imaginário dos efeitos do Real sobre o corpo que sustenta o Sujeito e dele ele tem que dar conta.

Em uma outra ocasião, fazendo uma mostração da clínica com a cadeia borromeana, relatei, a partir de um caso clínico, um estado tal de afetação que o Real se superponha ao Imaginário, aumentando o buraco de intersecção entre essas duas dimensões, diminuindo assim os campos dos outros gozos.

E porque isso ocorria? Perguntava.

Minha hipótese é que isso ocorre em função dos lapsos na tecitura da cadeia borromeana realizada pelos significantes Nomes do Pai enquanto função.

Na ocasião, eu sugeri, tomando a cadeia com as 3 dimensões, para aqueles que sofrem, de forma predominante em relação aos outros gozos, dos efeitos do Gozo do Corpo, uma escritura da estrutura onde temos um lapso, ali, no nó do Simbólico, e o que tinha que passar por baixo passa por cima, fazendo um falso buraco. Não há enlaçamento e sim sobreposição. Como efeito desse lapso temos os campos do Simbólico, do gozo fálico e do gozo-sentido diminuídos. Com a topologia podemos dizer que o campo da ex-sistência do Real invade o campo da ex-sistência do Imaginário produzindo angústia.

Acompanhado essa escritura nodal, vejam que o buraco do Simbólico quase não participa desse gozo do Corpo. Fazendo parte do Real, é um Gozo impossível, enigmático, inominável, ilimitado...

As Zonas implicadas no Gozo do Corpo são: o Real, o Imaginário e o objeto mais de gozar.

Como opera a psicanálise nesse caso?

Pode ela provocar uma transformação na estrutura do Sujeito?

Sendo assim é a estrutura flexível, maleável?

Respondo que sim, por que, na minha leitura, só é possível uma operação na estrutura se entendermos a estrutura como sendo flexível, diferente do que estava posto até então. Outra mudança importante para a direção de uma psicanálise em intenção.

Sendo assim, podemos dizer que se faz necessário pensarmos em uma nova ética, estética e etiqueta para a psicanálise?

Essas são as questões que, na minha clínica, venho tentando responder com o estudo da cadeia borromeana.

Entender como opera uma psicanálise, ou seja, por que, como e o que se transforma na, como diria Freud, economia psíquica do analisante.

Que aqueles que nos procuram se posicionem a partir de um outro lugar frente a invasão dos efeitos dos gozos que o atormentam e o fizeram buscar uma análise, barrando esses efeitos ou lidando com esses efeitos de uma outra maneira, pois estes sempre existirão?

Gozar de uma outra maneira, isso é o que se espera de uma análise levada a um bom termo, já dizia Lacan, lá para os anos 70.

No Seminário Le Sinthome, retomando o esquema dos gozos, Lacan vai costurando seu ensino de tal forma que sendo a estrutura a cadeia borromeana, passa a ter a característica de flexibilidade, podendo, a partir de uma operação topológica, sofrer uma transformação.

No caso relatado, a intervenção da analista, se tem efeito de ato, possibilita um saber fazer novo pelo analisante, que ao ler de outra forma aquilo que foi dito por ele mesmo, realiza uma sutura entre o Simbólico e o Imaginário, barrando assim, os efeitos do gozo do Corpo, ao transformar o falso buraco, que existia na sobreposição do Imaginário e do Simbólico, em um verdadeiro buraco, ao mesmo tempo que faz a contenção do Imaginário sobre o Real.

Podemos então dizer que essa operação consiste em realizar uma “emenda” do Imaginário e do saber inconsciente. Que uma intervenção no discurso do analisante feita pela analista, que tenha efeito de interpretação, possa resultar nessa operação topológica: transformar um falso buraco num buraco verdadeiro, contendo assim a prevalência de um dos gozos em relação aos outros. Isso para se obter um “novosentido”: sentido que é a resposta do analista ao exposto pelo analisante, em ato.

O interessante é que ao realizar essa sutura, como efeito do ato, ao mesmo tempo, outra entre o Simbólico e o Real é realizada.

Essa condição é o que vai dar ao analisante a possibilidade de fazer emendas entre seu sintoma e o Real parasita do gozo do corpo.

Segundo Lacan, o que é característico de nossa operação, tornar esse gozo possível (aqui ele se refere ao gozo sentido), é a mesma coisa que escreveu como ouço-sentido, “jòuis-sens”: é a mesma coisa que ouvir um sentido.

Vejam que o que se espera é um deslocamento na forma de gozar.

Como foi dito, gozar de uma outra maneira é um dos ganhos que um analisante pode ter com a sua análise.

O que quero dizer com isso é que tenho trabalhando com a hipótese clínica que a estrutura nós já a temos feita no momento em que os significantes Nomes do Pai, enquanto função, faz buraco, permitindo que as consistências se enlacem, mas que, sendo flexível, pode sofrer transformações ao logo da vida e não só até a adolescência.

Uma intervenção analítica, se bem sucedida, opera, ou seja, se tem efeito de interpretação para o analisante, transforma, pela via da operação homotópica ou pela via da sutura, a estrutura. Operações possíveis na análise em intenção.

Ao nomear a estrutura como sendo do Real, enquanto este se manifesta nos efeitos de linguagem, afirmo que, sendo una, ou melhor, “uniana”, é o que “ex-siste” (R), faz buraco (S), consiste (I) e enlaça (função do PAI), de tal forma que determina os campos que afetam o Sujeito e dos quais ele vai ter que dar conta ao longo da sua ex-sistecia.

Mas não fica só por aqui.

Como o Pai, ao desempenha sua função, sempre falha, se faz necessário um trabalho por parte e responsabilidade do Sujeito para que a estrutura funcione, causando-lhe menos sofrimento. Triste destino, esse, do fala-ser. E assim o é em função dos lapsos do enodamento do Real, com o Simbólico e com o Imaginário causados pelo efeito da carência dos significantes Nomes do PAI.

Para mim, e essa é a minha resposta para a questão fundante desse trabalho: Como opera uma análise?

A intervenção do analista, quando tem efeito de ato analítico, possibilita ao analisante inventar um saber fazer com os efeitos dos gozos que o afeta no exato momento em que o faz interrogar sobre os enigmas do seu desejo. E para isso não tem tempo nem idade...

Muito obrigado

Bibliografia

Lacan, J. (2005). *O seminário, livro 10: a angústia, 1962-1963*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.

Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 15: O Ato Psicanalítico, 1967-1968*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.

Lacan, J. (2012). *O seminário, livro 19: ...ou pior, 1971-1972*. Tradução para uso interno Espaço Moebius. Bahia:2011

Lacan, J. (2008b). *O seminário, livro 20: mais, ainda, 1972-1973*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.

Lacan, J. (2011). A terceira. *Revista Opção Lacaniana*. (Trabalho original publicado em 1975).

Lacan, J. (2016). *O seminário, livro 21: Os não tolos vagueiam, 1971-1972*. Tradução para uso interno Espaço Moebius. Bahia:2016

Lacan, J. ([1974-1975]). *Seminário 22: RSI*. Inédito. Disponível em <http://staferla.free.fr/S22/S22R.S.I..pdf>

Lacan, J. (2007). *O seminário, livro 23: o sinthoma, 1975-1976*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.